

# A resistência cultural das escolas-de-samba

A grande festa do carnaval tem, por trás do espetáculo, as raízes do modo de sentir e viver das populações pobres, que lutam por se preservar culturalmente



Os mendigos da Beija-Flor, ao pé da imagem do Cristo Redentor coberta por plástico, formaram a polêmica do carnaval carioca neste ano

José Louzeiro

**A**s escolas de samba do Rio de Janeiro encheram de brilho, mais uma vez, o carnaval e a passarela da Av. Marquês de Sapucaí, com enredos críticos ou comemorativos, mas todos expressando uma vivência popular que torna sempre impressionante a festa do carnaval carioca. A Imperatriz Leopoldinense levou o campeonato deste ano, comemorando o centenário da República, com um samba de estribilho forte – “Liberdade, abre

as asas sobre nós, e que a voz da igualdade seja sempre a nossa voz” – mas com uma letra, que apesar das notas máximas dadas pelos jurados, comete certas misturas pouco críticas, há muito denunciadas por Stanislaw Ponte Preta. Mas, a bela melodia pôs em segundo plano os senões.

Ao lado da Imperatriz Leopoldinense, brilhou a Beija-Flor de Nilópolis, que ficou em segundo apenas pelo que muitos consideram um cochilo imperdoável de dois ou três jurados. “Ratos e urubus, larguem minha fantasia” foi o enredo-revelação do sempre surpreendente Joãozinho Trinta, um artista nor-

destino que, com suas ousadias criativas, há muito entrou na história do samba do Rio de Janeiro. Muitas vezes condenado pelo luxo de sua Beija-Flor e pela frase de que “quem gosta de miséria é intelectual, pois o povo gosta de luxo”, Joãozinho Trinta pôs na avenida um enredo sobre a mendicância, com algumas alas vestidas a caráter, isto é, com os trapos que caracterizam a vivência dos cada vez mais numerosos cidadãos expulsos para a periferia social.

Surpreso pela severidade de alguns juízes, Joãozinho Trinta promete ousar para o carnaval de 1990: a reluzente e sempre empolgante Beija-Flor, que re-

# Sambas do Primeiro Grupo



## O que é bom todo mundo gosta

*Vem de lá dos tempos de Cabral  
a exploração do meu país (meu país)  
ganham no grito  
deram pro Índio um apito (fiu-fiu)  
levaram todo o nosso pau-brasil.  
Eu já mandei buscar  
a minha figa de Guiné (Guiné)  
vou rezar não sei aonde  
pra espantar este olho grande  
da terra que o "mundo" todo quer.  
É só papo, é caô  
todos sabem, ninguém viu  
depositam na Sulça  
o que levam do Brasil.  
Caprichosos...  
Caprichosamente vai o meu grito  
de alerta pro povão (na Sapucaí)  
preservar este lugar  
tudo que se planta dá  
do Oiapoque ao Chuf.  
Estão caçando jacaré no Pantanal  
pra virar bolsa e cinto  
na maior cara de pau.  
Vigie este ouro negro que apareceu  
tem país de olho pequeno  
azarando o que é meu  
Todos gostam do que é bom  
tira a mão do meu país  
se liga no que a história diz.  
Eu disse que vem...*

Caprichosos: "Vem de lá dos tempos de Cabral a exploração de meu país"

Este ano foram 18 as escolas que desfilaram na Marquês de Sapucaí: Arranco do Engenho de Dentro, Unidos do Cabuçu, Unidos da Ponte, Mocidade Independente de Padre Miguel, Tradição, União da Ilha do Governador, Caprichosos de Pilares, Acadêmicos do Salgueiro, Mangueira, Unidos de Vila Isabel, Portela Beija-Flor e Império Serrano, Unidos de Jacarezinho, Imperatriz Leopoldinense, Unidos da Tijuca, São Clemente, Estácio de Sá.

Em todos os sambas, pelo menos duas preocupações estiveram presentes: liberdade e meio ambiente. Em outros, os intérpretes (comumente chamados puxadores), esmeram-se em cantar a exploração interpretada de que somos vítima, a dívida externa e outras mazelas.

De vez em quando, em ou samba ou outro, pinta o ufanismo disparatado, fala-se de duques e marquesas,

coisa que Stanislaw Ponte Preta chamaria "samba do crioulo doido". Afinal, numa sociedade cuja elite se aprimora em espezinhar, não faz sentido que no dia da grande festa da pobreza (embora coberta de plumas e paetês) os homenageados sejam exatamente os espezinhadores.

Mas, folia é folia. Se existe de forma palpável o esforço de solapar, de pasteurizar as manifestações críticas que os carnavalescos fazem aos políticos e às instituições, nem sempre aqueles que desejam "administrar" a grande festa conseguem seus objetivos.

O samba de maior lucidez deste carnaval intitulou-se "O que é bom todo mundo gosta", de Wanderlei Novidade, Paulinho Rocha, Vanico do Beco, Walter Pardal e Jorge 101, e teve como intérprete J. Leão, todos eles da Caprichosos de Pilares.

Ao lado do belo e oportuno samba da Caprichosos, podemos igualar dois outros como sendo de alta qualidade: "Milton Nascimento - sou de Minas Gerais", da Unidos do Cabuçu, autoria de Beto Pernada, Rebello, Ney do Cabuçu e Jadir (intérprete Di Miguel), e "Jorge Amado - axé, Brasil", da Império Serrano, autores Beto Sem Braço, Aluisio Machado, Bicalho e Arlindo Cruz. Intérprete: Silvinho.

A mesma coisa não podemos dizer de "Trinca de Reis", da Mangueira, que parece um samba-jingle. Bom para o palco do Scala, péssimo para a passarela da Sapucaí, como bem demonstrou o humilhante décimo-primeiro lugar da escola neste carnaval, cujo enredo obteve apenas a nota 8 e cujo enredo obteve apenas a nota 9, em sua exaltação a Chico Re-carey, o atual rei da noite carioca e em maré de ácidas críticas.

apresenta a comunidade da pequena cidade de Nilópolis, na Baixada Fluminense, deixaria de comparecer aos desfiles oficiais, para impregnar o carnaval de rua de sua cidade. files oficiais, para impregnar o carnaval de sua cidade. O objetivo seria estimular o carnaval de rua, a exemplo do que ocorre em Salvador, na Bahia, ou em Recife e Olinda, em Pernambuco, dominados pela folia das massas nas ruas.

Seja qual for a nova ousadia de Joãozinho, um fato permanece: as escolas de samba representam um ponto de aglutinação das comunidades pobres do Grande Rio. Elas não devem ser vistas apenas como entidades que dão brilho ao carnaval na passarela da Avenida Marquês de Sapucaí. Elas têm outros méritos: formam gerações e mais gerações de músicos, despertam nos jovens pobres o amor por sua comunidade, funcionam como células de resistência ao domínio cultural, dão dignidade aos morros.

Os sambistas pertencentes às escolas constituem uma classe que não está necessariamente atrelada às gravadoras. Eles vivem do seu trabalho geralmente modesto, a música é atividade paralela e quase sempre coletiva.

No momento em que se inicia a grande tarefa da confecção das fantasias, dos adereços e dos bonecos gigantes para compor os carros alegóricos, aí o morro parte para o trabalho em regime de mutirão. Todos colaboram.

Durante meses, prolongam-se os ensaios da sua escola. O samba-enredo é cantado e recantado, até a interpretação coletiva chegar ao ponto de aprovação dos ritmistas e do chefe da bateria. Samba bom é aquele que todos os integrantes da escola sabem cantar e, mais



No Sambódromo, a beleza e a arte popular

que isso, que os "envolve e alucina", transformando os foliões em bailarinos da Sapucaí.

O espetáculo que resulta da apresentação das escolas ganha de todos os shows mundiais, mesmo os que são encenados na Broadway. Não há nada parecido. Nada mais colorido. Nada mais alegre. Impulsionado por um ritmo quente e verdadeiro. O carnaval carioca é a explosão do bom-humor e da criatividade do povo. Nos dias de carnaval até a violência diminui.

#### Rádio, tevê, gravadoras e samba

Se os sambistas das escolas são famosos na boca do povo, se conseguem atrair tantos turistas durante o carnaval, a mesma coisa não acontece entre os meses de março a janeiro: eles compõem suas músicas, procuram as gravadoras e não são recebidos. Há sempre uma desculpa, há sempre uma forma de dissimular. O ano inteiro as gravadoras esmeram-se em empurrar os rocks bolados no exterior, particularmente nos Estados Unidos.

No dia-a-dia, são as emissoras de rádio e de televisão que se encarregam do trabalho de minar nossas raízes musicais. Impõe-se o gosto pela música estrangeira (leia-se norte-americana), enquanto nossos músicos reúnem-se às tardes nos cantinhos da Praça Tiradentes, em pleno desemprego.

De outra parte, há que lembrar, nesta reflexão sobre os "obreiros" do carnaval: só os bicheiros ajudam de fato as escolas. O governo dá ajudinha de brincadeira, a Liga Independente parece não ter hábito de cobrar em dólares (e na verdade não o tem). Por isso, nas fantasias o que entra, mesmo, é o suado dinheirinho do folião, que paga para que outros, muitos outros, lucrem com sua alegria.

As gravadoras (mereciam medidas objetivas do Ministério da Cultura) não ficam atrás dos exploradores das emissoras de rádio e televisão: colocam as músicas das escolas do primeiro grupo em dois discos, disparam no mercado. Claro está: os discos não são numerados, os sambistas não sabem quantos foram prensados e coisas do tipo. É um carnaval de oportunismo, em cima do carnaval dos alegres e ingênuos trabalhadores cariocas.

#### Pasteurização e bajulação

O que as gravadoras e as emissoras de televisão gostariam, mesmo, é que no lugar da grande festa do povo, aqui se instalasse (como já foi tentado por um deputado), um Woodstock permanente, para que a cultura popular brasileira acabasse de vez.

Enquanto não conseguem implantar o Woodstock-2, esforçam-se no sentido de que os sambas das escolas se transformem em peças de endeusamento e até mesmo de bajulação. Pouco a pouco (e sempre por causa do tal dinheiro), vão se impondo aos dirigentes das escolas, "os princípios das homenagens".

É hora de o sambista entender que o carnaval são os únicos dias do ano em que ele ainda pode sonhar com relativa liberdade. Nos outros, o que lhe sobra são as agressões da polícia, as discriminações, a extorsão dos empresários e negociantes, em forma de preços e salários, a indiferença do governo. ●

#### O sambista enfrenta, fora do carnaval, imensas dificuldades para sua música

